FERNANDA AREAS PEIXOTO
HELOISA PONTES
LILIA MORITZ SCHWARCZ
Organizadoras

ANTROPOLOGIAS, HISTÓRIAS, EXPERIÊNCIAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Reitora: Ana Lúcia Almeida Gazolla
Vice-Reitor: Marcos Borato Viana

EDITORA UFMG
Diretor: Wander Melo Miranda
Vice-Diretor: Heloísa Maria Murgel Starling

CONSELHO EDITORIAL
Wander Melo Miranda (presidente)
Antônio Luiz Pinho Ribeiro
Carlos Antônio Leite Brandão
Heloísa Maria Murgel Starling
Luiz Otávio Fagundes Amaral
Maria Aparecida dos Santos Paiva
Maria das Graças Santa Bárbara
Maria Helena Damasceno e Silva Megale
Romeu Cardoso Guimarães

Belo Horizonte
Editora UFMG
2004
INTRODUÇÃO

O Projeto UNESCO de Relações Raciais

ABRINDO A “CAIXA-PRÉRIA”

MARCOS CHOR MAIO
haveria de pairar qualquer dúvida. O que emerge como “caixa-preta” no caso da iniciativa da Unesco? Em geral, o relato pode ser sintetizado da seguinte forma: incentivada pela imagem de que a sociedade brasileira viveria sob a égide da “cooperação entre as raças”, a Unesco, ainda sob o impacto do genocídio nazista, define uma agenda anti-racista que incluía o Brasil como ponto de partida de uma série de investigações. O objetivo inicial desses estudos era o de oferecer ao mundo lições de civilização à brasileira em matéria de relações raciais. Na esperança de encontrar a chave para a superação dessas mazelas vividas em diversos contextos internacionais, a instituição intergovernamental teria acabado por se ver diante de um conjunto de dados sistematizados sobre a existência do preconceito e da discriminação racial no Brasil. Evidenciou-se uma forte correlação entre cor ou raça e status socioeconômico. A utopia racial brasileira foi colocada em questão. Inaugurou-se, dessa forma, no campo das ciências sociais, uma produção acadêmica que julgava como ideologia o mito da democracia racial.

O depoimento de Florestan Fernandes parece ter inaugurado a série de interpretações dessa espécie de “caixa-preta”.

Em 1966, dois anos após o Golpe Militar de 1964, quando seu projeto acadêmico-reformista foi derrotado, Florestan fazia a seguinte declaração:

a hipótese sustentada pelo [sociólogo norte-americano] Donald Pierson, de que o Brasil constitui um caso neutro na manifestação do “preconceito racial”, teve de ser revista, mau gra do empênhos da Unesco para confirmação da hipótese. Ao que parece, esta instituição alimentava o propósito de usar o “caso brasileiro” como material de propaganda. Se os brancos, negros e mestiços podem conviver de “forma democrática” no Brasil, porque o mesmo processo seria impossível em outras regiões? (p. 21)

As críticas a Pierson já frequentavam as páginas de Florestan e Roger Bastide, assim como as tensões entre ciência e política foram assinaladas pelos dois cientistas sociais no projeto enviado à Unesco (1959 [1951]; 1955). No caso do designio da organização internacional, Florestan apresentava nova interpretação, com a atribuição à Unesco de uma imagem distorcida da sociedade brasileira a ser desvelada. Seu ponto de vista destoava dos balanços até então existentes sobre as pesquisas da Unesco (Beiguelman, 1953; Nogueira, 1955; Bastide, 1957). Não condizia ainda com sua própria avaliação anterior na qual o trabalho patrocinado pela organização representava um novo patamar no padrão de pesquisa existente à época, superando, nas palavras do sociólogo, a “aventura pessoal”. No início dos anos 1960, quando analisa o papel da sociologia na criação de uma civilização moderna nos trópicos, Florestan avaliava sua trajetória profissional na USP nos anos 1940 e 1950. Até então, o trabalho sociológico era realizado com ausência de apoio financeiro, apenas com o “tempo que dispusesse do próprio lazer e de algumas sobras do próprio salário. Raramente caía do céu uma oportunidade promissora, como aconteceu com a pesquisa entre negros e brancos, suscitada pela Unesco” (Fernandes, 1976 [1962], p. 66). O patrocínio da instituição representava prestígio, recursos e trabalho em equipe.

Seu diagnóstico pós-1964 das intenções da Unesco foi reiterado por diversos historiadores e cientistas sociais. Os achados do ciclo de pesquisas transformaram-se, durante a ditadura militar, em instrumento de denúncia da auto-imagem positiva do país em matéria racial. Por sua vez, consolidou-se a ideia do suposto auto-engano da Unesco (Skidmore, 1993 [1974]).

Quando as afastei das abordagens retrospectivas, das avaliações consagradas sobre o ciclo de pesquisas e o persegui em seu processo de construção, em ação, me deparei com um cenário em aberto, a saber: esforços no sentido de definir uma agenda das ciências sociais para o Brasil; apostas no incremento da profissionalização dos cientistas sociais brasileiros; dúvidas quanto ao suposto “caráter nacional brasileiro”; questionamentos sobre a alegada singularidade brasileira; polarização político-ideológica em contexto de Guerra Fria; competição quanto à natureza política e/ou científica da proposta da Unesco.

Em que pese a imagem positiva do país em termos de relações inter-raciais, verificou-se um encontro entre expectativas distintas. Por um lado, uma organização intergovernamental escolheu o Brasil por se constituir uma sociedade com reduzidas taxas de tensões étnico-raciais. Por outro, uma rede de cientistas sociais, dentro e fora da Unesco, assumiu o desafio.
A tiniega hora, el campamento de Chivacoa está en medio de un escenario de guerra. Los soldados y civiles luchan por mantenerse en pie mientras la violencia se intensifica. El campamento es un refugio para muchas personas que han sido expulsadas de sus hogares por el conflicto. Las condiciones son duras, pero la determinación de los habitantes es aún más fuerte.

El campamento está rodeado por zonas de guerra activa, lo que significa que los habitantes tienen que estar siempre en alerta. Los servicios sanitarios son escasos y las infraestructuras están dañadas. Sin embargo, la comunidad se ha organizado para mantenerse juntos.

Los niños juegan en las ruinas, mientras las mujeres cocinan en las aldeas cercanas. Los hombres se turnan para vigilar las fronteras y proteger la seguridad del campamento. A pesar de las dificultades, la esperanza sigue brillando.

El campamento es una pequeña isla de normalidad en medio de un mar de conflictos. Aún así, cada día se lucha por mantener la luz de la esperanza encendida.
A perspectiva de Arthur Ramos dava continuidade a seus posicionamentos no campo da antropologia brasileira. Um ano antes de sua ida para a Unesco, a convite do antropólogo Egon Schaden, Arthur Ramos fez uma conferência na tradicional Semana Euclidiana de São José do Rio Pardo. Em estilo programático, ele abordou os seguintes temas: 1ª) a necessidade do avanço da institucionalização universitária da antropologia; 2ª) a formulação de um programa de pesquisas que, no plano étnico-racial, privilegiaria o tema das desigualdades; 3ª) as possibilidades de legitimação do trabalho antropológico no Brasil ("antropologia aplicada") a partir da participação de antropólogos em aparatos estatais, contribuindo assim para a elaboração e implementação de políticas públicas (Ramos, 1948).

Ramos, de modo cético, lembra que reiteradamente o Brasil era visto como um "laboratório de civilização". Trata-se do título de um artigo do historiador alemão radicado nos EUA, Rudiger Bilden, publicado no final dos anos 1920. Nele, o autor revela uma visão positiva da herança ibérica, do sistema escavovara “mais humano” da dominação portuguesa, da miscigenação, da ascensão social de mulatos e pretos. Bilden chega a criticar intelectuais como Euclides da Cunha e Oliveira Viana por suas visões pessimistas quanto ao perfil miscigenado da população brasileira. Ao longo do artigo, o contraponto de Bilden é a experiência norte-americana (Bilden 1929, p. 71-74).

Apesar de Arthur Ramos concordar em parte com Bilden, uma das formas de se evidenciar sua crença na ideologia da democracia racial, registra que só em tempos recentes, a partir dos anos 1940, vinha ocorrendo o processo de qualificação profissional para tornar inteligível esse "laboratório", essa experiência civilizacional. Nesta conferência, Ramos se indaga sobre a existência de um etnos brasileiro. Ressaltava ainda a importância dos estudos sociológicos sobre grupos, estratos e classes sociais no Brasil, destacando a necessidade de investigações sobre as desigualdades sócio-raciais. Em sua perspectiva, "só depois de realizadas séries inteiras de pesquisas desta ordem, poderemos nos aventurar a propor 'interpretações' do Brasil, ensaios de conjunto ou planos normativos de ação, até agora reservados aos estudos impressionistas que podem ser muito interessantes, mas conduzem a generalizações apressadas e perigosas. (...) Do ponto de vista antropológico, não há uma 'cultura' brasileira, mas 'culturas' que só agora começam a ser estudadas e compreendidas. Ainda é cedo portanto para indagarmos [sobre] o 'caráter nacional' a partir de visões generalizadoras (...)" (Ramos, 1948, p. 224).

Enquanto no imediato pós-Segunda Guerra, cientistas sociais, sob a chancela de uma agência intergovernamental, procuravam investigar o "caráter nacional" em tempos de Guerra Fria, Arthur Ramos tentava redefinir a agenda de pesquisas da Unesco, introduzindo o desafio da incorporação de estratos sociais marginalizados ao processo de modernização em curso no Brasil. Ele coloca entre parênteses o ensaio de tipo erudito das primeiras décadas do século XX e aponta para a necessidade do reconhecimento das ciências sociais como um conjunto de valores e práticas sociais autônomas a serem legitimadas pela sociedade e pelo Estado. Não por acaso estava envolvido com o projeto de criação do então Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) no final dos anos 1940 (Chagas Filho, 1948). Este processo ocorre no período democrático pós-Estado Novo em que se privilegia o momento da desigualdade e da necessidade de estudos sistemáticos sobre a diversidade sociocultural existente no Brasil.

O perfil do projeto de pesquisa sob os auspícios da Unesco seguiu em linhas gerais as questões que nortearam a atuação de Arthur Ramos na última fase de sua carreira acadêmica.

O PROJETO UNESCO EM CONSTRUÇÃO

Em abril de 1950, Alfred Métraux, etnólogo com trabalhos realizados sobre índios e negros na América Latina e experiência em agências intergovernamentais como Onu e Unesco, assumiu a direção do recém-criado Setor de Relações Raciais da instituição (Métraux, 1978). Ainda no primeiro semestre, o antropólogo Ruy Coelho, ex-aluno de Roger Bastide na Universidade de São Paulo, e de Melville Herskovits na Universidade de Northwestern — onde defendeu tese de mestrado sobre os Caraíba negros em Honduras —, tornou-se o principal assistente de Métraux. Os dois cientistas sociais representaram uma espécie de lobby latino-americano no interior do Departamento de Ciências Sociais.

En resumen, las proyecciones de población indican que la población de los Estados Unidos continuará creciendo en los próximos años. Según los cálculos realizados, la población en 2050 alcanzará los 325 millones de habitantes. El crecimiento demográfico se debe fundamentalmente a la brecha de edad, que se está ampliando con el envejecimiento de la población. Sin embargo, el ritmo de crecimiento disminuirá a medida que la tasa de natalidad se reduzca y la tasa de mortalidad aumente.

La organización de la política demográfica es crucial para enfrentar el desafío de la creciente población. La educación, el desarrollo económico y el suministro de oportunidades para los jóvenes son fundamentales para atenuar los efectos del crecimiento demográfico. En este sentido, es necesario implementar políticas que promuevan la educación y el desarrollo económico para reducir el desempleo y mejorar las condiciones de vida de la población. Al mismo tiempo, es crucial que las políticas demográficas sean flexibles y adaptables para responder a los cambios en la demografía y la economía.
O fórum promovido pelo TEN aproximava-se, segundo seu principal líder, Abdias Nascimento, dos "esforços das mais lúcidas inteligências e ricas culturas, instituições as mais representativas, como é o caso da Unesco, no sentido de dotar o mundo de um clima de segurança, de paz e liberdade pela via da compreensão e fraternidade entre os homens e os povos, acima das divisões e rivalidades motivadas por questões de origens raciais". Nascimento alertava que a sociabilidade positiva brasileira no terreno das relações raciais não impedira as disparidades econômico-sociais entre brancos e negros. Na verdade, o "problema do negro" não teria sido resolvido após a abolição da escravidão e a fundação da República (Nascimento, 1950, p. 1).

Coube a Guerreiro Ramos, sociólogo e militante do TEN, apresentar uma tese sugerindo que o 1º Congresso do Negro Brasileiro procurasse sensibilizar o governo brasileiro no sentido de convencer a instituição intergovernamental a patrocinar um Congresso Internacional de Relações de Raça (Guerreiro Ramos, 1982, p. 237-238). A seu ver, a Unesco estava exercendo um importante papel no pós-Segunda Guerra, no processo de "integração das minorias raciais nos vários países onde elas se encontram mais ou menos discriminadas" (Ibidem, p. 237). Para tanto, seria pertinente "sugestões práticas, evitando os estudos de ordem acadêmica ou meramente descritivos e que levam a uma consciência falsa do mesmo [da discriminação]" (Ibidem).


Em sua resposta a Métraux, Bastide, ainda sob o impacto do Congresso do TEN, considerava que o projeto não se deveria limitar ao trabalho de pesquisa. Seria fundamental dar um sentido prático às reflexões teóricas, estimulando uma atitude cooperativa entre intelectuais brancos e associações negras. Desse modo, haveria a quebra de certos preconceitos e a diminuição das tensões que estavam sendo criadas, ao menos no Sul do Brasil. O sociólogo francês revela a intenção de criar um centro de estudos da comunidade negra de São Paulo, abrangendo brancos e negros, que, entre outras coisas, poderia intervir junto aos poderes públicos.

A despeito da derrota da proposta de Guerreiro Ramos, ela teve efeitos importantes ao apontar a dimensão política da pesquisa, como se pode depreender das posições de Bastide. Ademais, Guerreiro e o Congresso do TEN contribuíram para a ampliação do planejo da Unesco. Assim, os primeiros passos em direção à montagem do ciclo de pesquisas indicam a existência de um cenário em aberto que foi sendo construído a partir do conhecimento prévio de cientistas sociais da agência internacional, ampliado pelos contatos e sugestões de pesquisadores nacionais e estrangeiros com alguma experiência de ensino e/ou pesquisa no Brasil e, por fim, como se verifica no Congresso do TEN, pela competição quanto à natureza político-científica do projeto da Unesco.

O CENÁRIO DOS ESTUDOS RACIAIS NO BRASIL VISTO PELA UNESCO

Como vimos, entre junho e setembro de 1950, Alfred Métraux e Ruy Coelho mantiveram correspondência com alguns pesquisadores cotados para participarem do projeto. Além disso, foram solicitadas a Giorgio Mortara, demógrafo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), informações e análises sobre a composição racial da população brasileira. Em setembro, Métraux e Coelho elaboraram um documento que subsidiaria o escopo definitivo da pesquisa, no qual apresentaram um painel das interfaces entre ciências sociais e estudos raciais no Brasil e ofereceram algumas sugestões a serem exploradas pela investigação.
MÉTRAUX "DESCOBRE" O BRASIL

Alfred Métraux visitou o Brasil em novembro e dezembro de 1950 a fim de "prever a natureza dos problemas que devem ser estudados e, em seguida, ter uma idéia nítida das instituições e personalidades científicas que possam se encarregar da execução dessa parte de nosso programa" (Métraux, 1951a, p. 1). Antes da viagem, ele começou a reconhecer o fato de que o Brasil não era a Bahia. Em conversa com o representante do Brasil junto à Unesco, Paulo Esteve, de Berredo Carneiro, em Paris, constata que "a questão racial no Brasil demonstra um caráter muito diferente conforme as regiões, e é indispensável (...) que as pesquisas previstas nos fornecem um quadro válido para o conjunto do país" (Idem).

Ao chegar a Bahia, Métraux manteve contatos com Anísio Teixeira e Charles Wagley e confirmou a realização da pesquisa não apenas nas comunidades rurais, como estava previsto no Projeto Universidade de Columbia/Estado da Bahia, mas também na cidade de Salvador. Cabeia a Thales de Azevedo a realização de um estudo sobre a ascensão dos negros e as tensões individuais e sociais decorrentes de tal processo de mobilidade na capital baiana (ibidem, p. 2-4).

Na semana seguinte, Métraux esteve no Rio de Janeiro. Convenceu-se da importância da pesquisa no então Distrito Federal a partir dos argumentos expostos pelo sociólogo Costa Pinto, que considerava de suma importância estudar as relações raciais inseridas em um contexto de modernização. Este tema vinha ao encontro dos objetivos da Unesco, que definira na conferência de Florença uma linha de investigação sobre os impactos da industrialização em áreas subdesenvolvidas (ibidem, p. 4).

No início de dezembro, Métraux chegou a São Paulo e viu-se diante da tarefa de estabelecer negociações entre os professores da ELSP e a FFCL/USP, na medida em que eram, segundo o antropólogo, "instituições rivais" (Métraux, 1951a, p. 5; ver Limongi, 1989). Métraux encontrou-se com os diretores dessas instituições (Fernando de Azevedo e Cyro Berlinck), que gozavam de grande prestígio junto à equipe da Unesco. Antes mesmo de ser definida a "opção Brasil", Donald Pierson fora sondado sobre a possibilidade de vir a participar de uma pesquisa no Brasil. No início de fevereiro de 1950, o diretor interino do Departamento de Ciências Sociais, o sociólogo Robert Angell, solicitara informações a respeito da ELSP. Pierson apresentou um breve relatório dos cursos, das pesquisas e do corpo docente da instituição e colocou-se à disposição da Unesco para uma futura parceria.17

De início, Donald Pierson e Roger Bastide foram escolhidos para dirigir a pesquisa em São Paulo. No entanto, a visita de Métraux ocorreu no momento em que o sociólogo americano já estava comprometido com um amplo estudo de comunidade no vale do rio São Francisco. Donald Pierson sugeriu, em seu lugar, o sociólogo Oracy Nogueira, professor da ELSP. Utilizando a mesma linha de raciocínio aplicada ao Rio de Janeiro, Métraux considerava extremamente importante a pesquisa sobre as relações raciais em São Paulo, pois era um estado em rápido processo de industrialização e urbanização que estaria indicando sinais claros de tensões raciais (Métraux, 1951a, p. 5).

São Paulo e Rio de Janeiro foram inseridos na pesquisa da Unesco para servirem de contraponto à experiência baiana. Métraux considerava que a elaboração de uma pesquisa numa cidade em fase de acelerado desenvolvimento econômico "nos apresenta uma oportunidade única para conhecer os fatores susceptíveis e provochar antagonismos raciais que, outrora, se achavam em estado latente ou careciam de vivência". A pesquisa em São Paulo expressava, de certo modo, a tensão entre política e ciência, entre as expectativas iniciais da Unesco e o projeto de pesquisa. Isto fica bem notado no relatório oficial da viagem ao Brasil, no qual Métraux afirma que "(...) descartar os problemas novos para nos limitarmos a um estado de coisas já estabelecido, mas ultrapassados, seria trair o espírito científico que deve animar nossa investigação. A pesquisa da Bahia oferece apenas uma imagem incompleta da questão racial no Brasil" (Idem). Em carta a Melvire Hershkovits, ele dizia:

Contrariamente a meus planos anteriores, a Bahia não será mais o foco de nosso projeto. Estudaremos as relações raciais como estas aparecem em quatro comunidades e nos concentraremos no problema de mobilidade social na cidade de Salvador. Por outro lado, deveremos nos concentrar na situação
racial em São Paulo que está em vias de se deteriorar rapidamente. Dr. Costa Pinto empreenderá um estudo semelhante — porém em menor escala — no Rio de Janeiro. Espero conseguir, no final do ano, um quadro da situação racial no Brasil que seja próximo da realidade e que cubra, ao mesmo tempo, tanto seus aspectos positivos quanto os negativos.¹⁸

O processo de redefinição do ciclo de estudos que viria a ser realizado pela Unesco revela o grau de autonomia dos cientistas sociais envolvidos no projeto, especialmente no que tange às relações entre as demandas da agência internacional e suas diversas traduções em solo brasileiro. As revelações de Alfred Métraux no relatório oficial de sua "expedição" ao Brasil em 1950 são um indicador preciso das mudanças de percurso.

Contudo, o desenho definitivo do Projeto Unesco só ocorreria no ano seguinte, quando, em nova visita ao Brasil, Métraux incorporou a cidade de Recife. Os contatos entre o Instituto Joaquim Nabuco (IJN), órgão criado por Gilberto Freyre em 1949, e a Unesco começaram no primeiro semestre de 1951. Freyre mostrou-se interessado em estabelecer um cronograma de atividades junto à agência internacional, com o intuito de fortalecer o recém-criado centro de pesquisas regional, um projeto de institucionalização de seu legado em contexto de crescente crítica ao seu trabalho socioantropológico. Em agosto de 1951, esteve na Unesco e sugeriu que o IJN fosse convidado a fazer parte da pesquisa sobre relações raciais no Brasil (Métraux, 1952, p. 1). A proposta foi aceita de imediato, dado o prestígio de Freyre. O sociólogo permanecia foi o primeiro brasileiro a ser convidado para ocupar o cargo de Diretor do Departamento de Ciências Sociais da Unesco.¹⁹ René Ribeiro, ex-aluno de Melville Herskovits na Universidade de Northwestern e responsável pelo Setor de Antropologia do IJN, desenvolveu uma pesquisa sobre a influência das diversas religiões (catolicismo, protestantismo e cultos africanos) sobre as relações raciais em Recife (Ibidem, p. 2; ver também Freston, 1989 e Maio, 1999).

Vários aspectos influenciaram na escolha e no desenvolvimento dos diversos projetos patrocinados pela Unesco. De início, contribuiu a presença de uma tradição de estudos raciais, sobretudo na Bahia e em São Paulo. Acrescente-se a existência de uma agenda das ciências sociais brasileira. Não menos importante era a presença de centros de ensino e pesquisa, principalmente na cidade de São Paulo. Cabe lembrar que o Setor de Relações Raciais do Departamento de Ciências Sociais da Unesco era dirigido por cientistas sociais (Alfred Métraux e Ruy Coelho) que tinham um razoável conhecimento dos estudos étnico-raciais realizados no Brasil. Não menos importante era a preocupação da agência internacional, a partir de 1950, com os processos de industrialização e seus impactos em regiões subdesenvolvidas. Dessa forma, podia-se compreender, em parte, a inclusão das pesquisas realizadas no Sudeste do Brasil. Convém observar também que prestígio intelectual, relações pessoais, elaboração de trabalhos anteriores e experiências internacionais foram determinantes nos estudos de caso. Roger Bastide conhecia Alfred Métraux e tinham uma série de afinidades intelectuais e projetos em comum. Por sua vez, Wagley já investigava o Brasil desde o final dos anos 1930. A presença de Costa Pinto na pesquisa da Unesco deve-se, em grande parte, às suas relações profissionais e pessoais com Arthur Ramos. No caso do Recife, a obra de Gilberto Freyre alcançara reconhecimento internacional.

Por último, é importante ressaltar a influência do movimento negro, por meio do Congresso do Negro Brasileiro de 1950, que teve um certo impacto sobre, pelo menos, três sociólogos que vieram a participar do Projeto Unesco — Charles Wagley, Roger Bastide e Costa Pinto. Inda além, o evento patrocinado pelo Teatro Experimental do Negro procurou mudar a natureza do projeto, atribuindo-lhe um caráter nitidamente político.

**PROJETO UNESCO: ENTRE O MITO E O RACISMO À BRASILEIRA**

Ainda que reconheça aspectos positivos do legado ibérico, Métraux chama a atenção para o risco de se adotar uma visão simplificadora das relações raciais no Brasil, salientando a necessidade de se analisar, por exemplo, as relações matrimoniais. Embora indique a existência de frequentes casamentos inter-raciais, eles acontecem, em geral, entre pessoas da mesma classe e raramente entre pessoas em posições extremas do complexo sistema de classificação das corés no Brasil (Idem). Essa ilustração não impede que Métraux considere o Brasil “um exemplo de país onde as relações entre as raças são relativamente harmoniosas”. Todavia, registra que “seria um exagero (...) afirmar que o preconceito racial é ignorado”. Haveria uma série de estereótipos em relação ao negro. Além disso, quanto mais se ascende na escala social, mais evidente se torna o preconceito de cor. Nos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro, existiria um “racismo inequívoco” entre os trabalhadores, suscitado pela competição nas áreas em processo de industrialização (Idem). O antropólogo atribui a existência do racismo no Sudeste ao passado escravocrata que ainda mantém os negros em condições desfavoráveis na disputa com os brancos. Nesse sentido, as dificuldades dos negros não seriam creditadas a sua cor, e sim, à posição que ocupam na hierarquia social, lembrando Donald Pierson. Suas expectativas convergiam para a educação, canal por meio do qual acreditam que poderão ascender socialmente.

Métraux minimiza os efeitos da discriminação racial no Brasil. Em seu artigo, não destituido de surpresas, imprecisões e otimismo, ele revela não apenas os motivos que levaram à definição da ampla pesquisa da Unesco no Brasil, mas também as ambigüidades das relações entre a ideologia da cordialidade racial e a persistência do racismo. Essa ambivalência permanecerá ao longo do Projeto Unesco.

A visita de Alfred Métraux ao Brasil, no final de 1950, serviu de agente catalizador da pesquisa. Enquanto os sociólogos e antropólogos envolvidos no projeto iniciavam a pesquisa, o representante da Unesco tornava público a diversidade da situação racial brasileira. Neste sentido, o diagnóstico de Métraux respondia, em parte, no início dos anos 1950, aos desafios lançados por Arthur Ramos em sua proposta de análise do mosaico brasileiro. Os resultados do ciclo de pesquisas da Unesco seriam o complemento indispensável.
NOTAS


A história da relação entre Melville Herskovits e Arthur Ramos pode ser dividida em três fases: uma primeira correspondência trocada entre 1935 e 1941; uma convivência de dois meses em 1941, na Northwestern University, onde Ramos acompanha o seminário de aculturação de Herskovits; e, uma última, que começa com o trabalho de campo de Herskovits no Brasil, em outubro de 1941, e vai até a morte de Ramos, em 1949.

A correspondência entre ambos é iniciada por Ramos, que envia a Herskovits, por recomendação, ao que tudo indica, de Gilberto Freyre, três volumes da Coleção de Divulgação Brasileira, que dirige, entre eles *O negro brasileiro*. Em 31 de dezembro de 1935, no dia seguinte em que os volumes lhe chegaram às mãos, Herskovits responde. A rapidez da resposta é o melhor índice de seu entusiasmo. Além da carta, Herskovits envia para Ramos algumas separatas de artigos e pede a seu editor que envie também alguns livros seus. Fica estabelecida assim uma estreita cooperação epistolar entre os dois, que durará até a morte de Ramos.

Já a estadia americana de Ramos pode ser resumida como segue. Em 27 de agosto de 1940, Arthur Ramos viaja com sua esposa aos Estados Unidos, para dar um curso de três meses